

Recife, 5 de Outubro de 2011.

Prezados colegas conselheiros do CTG

Encerra-se minha muito breve passagem como membro desta egrégia casa. Encaminho, no final deste texto, uma proposta aos colegas. Aproveito esta ocasião para emitir minha opinião crítica sobre uma grave distorção sob o olhar de minha lente. *Tempo temporis ad pondero* (Tempo para reflexões). Instituições de ensino superior lidam (ou deveriam lidar) decentemente com a transmissão do conhecimento. Uma finalidade precípua! A sociedade necessita mais que nunca da formação de Engenheiros competentes. É claro que com a geração com conhecimento também. Mas nos moldes atuais, a produção de (pseudo)conhecimento vale bem mais nas IES – sob qualquer critério ou prisma – do que ensinar. Todavia, os conhecimentos advindos de “farta produção intelectual” são frequentemente desconectados com boa qualidade de ensino e com o aprendizado “do sentido” da Engenharia. Para piorar o cenário, estabeleceu-se um a fé mítica sobre o ensino superior em um formato que não está associado ao conhecimento, mas aos números: uma educação contábil. Não faltam professores “extraordinários” os quais não sabem transmitir motivação ou conhecimento (outros sequer redigir sinopses inteligíveis). No entanto, quase todos da comunidade julgam suas pesquisas e seus currículos impressionantes. Você deveria. Eu não (*Etiam omnes, ego non!*). O currículo hodierno é longa seqüência de texto & *pedigrees*, com uma plataforma multimídia para projetar precisamente uma imagem que o seu titular pretende transmitir: inovação empresarial, competência científica, etc. Soa como promessas de políticos em campanha: bonitas, coerentes, importantes, mas que na prática não parca valia, exceto para abiscoitar um cargo. Para os professores, CVs para auferirem “prestígio” na comunidade acadêmica. Há graves lacunas entre a elite “credenciada” e a verdadeira competência para o magistério. CV eivados de realizações pomposas revelam pouco sobre as capacidades de um professor do que a maioria séria precisa saber. Desejam-se avidamente títulos, números e credenciais, bem mais do que conhecimento e *know-how*. “O que você (aparenta) ter produzido” é profissionalmente mais relevante do que “o que você transmite ou sabe”. Fanáticos (conheço alguns) defendem veementemente o atual modelo do ensino superior. Ainda que publicar *per se* não seja nem de longe marginal, o seu real impacto sobre pessoas próximas, economia, e mercado não é o que se procura atribuir. Bons professores – aqueles destarte julgados pelos alunos – este quase invariavelmente são pouco reconhecidos pelas instituições de ensino superior (IES). Bem mais importante e de muito maior impacto, situam-se os genuínos mestres. Aqueles que ensinam, motivam, inspiram, e constituem uma referência para quem adquire formação. A sociedade local, a UFPE, o CTG e a Engenharia de Pernambuco devem muito a eles, a despeito de parecer pouco reconhecer explicitamente tal fato. Escolho fazer minha homenagem pessoal a mais representativa. Avaliando todo o Centro, com centenas de professores, *como representar o que de melhor há no ensino superior?* Em qualquer lista entre os melhores jogadores de futebol de todos os tempos, haverá com freqüência com destaque o nome de Pelé. Neste CTG, creiam-me, com quaisquer critérios e em qualquer lista, haverá o nome do saudoso prof. Newton da Silva Maia. Meu pai, conta-me reiteradamente a sua grande admiração pelo “professor máquina”, com um P maiúsculo. Parabéns! Orgulho pernambucano!

Mas, sejamos atuais. Há tempo almejo circunstância que azasse um ensejo favorável para o tributo que ora presto. Se hoje, há que se escolher um único e um só professor que represente a Engenharia, a competência, a honestidade, a sensibilidade, o rigor e a ética, eu vos proponho algo. Não possuo relação social, nem vínculos de amizade (asseguro-vos disto, infelizmente para mim...) com quem procuro homenagear “em nome” da Engenharia de Pernambuco. Decerto, revelo-me nanico para emitir opinião reverenciada, mas se decido eleger um único professor deste centro universitário, permita-me, a este eu “tiro o meu chapéu”. Professor regido pela citação de Anatole France: «*A plena arte de ensinar é somente a arte de despertar a curiosidade natural em mentes jovens com o propósito de depois satisfazê-las*». Não considero nenhum professor deste CTG mais representativo para a categoria de genuíno mestre do que o prof. Washington Amorim. A minha avaliação é que a Engenharia em Pernambuco é deveras devedora a este colega. E deveria ter a capacidade de reconhecer o fato. O que ousou propor, a despeito de inusitado, é uma justa homenagem a este referencial da boa engenharia do Recife, que vem tendo reiteradamente influencia decisiva em gerações de engenheiros da UFPE. Proponho que este conselho conceda uma homenagem especial e oficial ao nobre colega. E que isso não cause espécie ou ciúmes a colegas: *Quæ sunt Cæsarís, Cæsarí*. Encerro esta minha “carta aberta” aos colegas **com a proposição de um reconhecimento institucional**. Talvez eu seja compreendido pelos que conseguem avaliar a importância do professor Amorim na história da Engenharia de Pernambuco. Que não seja reconhecimento tardio. Se este conselho e a direção julgarem cabível, proponho que o assunto seja incluído na pauta de uma próxima reunião.

Cordialmente,



Prof Hélio Magalhães de Oliveira, chefe *pro tempore* do DES-CTG em exercício findo.